

Considerações finais

Vozes nascidas no cárcere

A vida para elas é uma **Tristeza**,
 É preciso ter **Coragem** para enfrentar a vida no cárcere.
 Algumas são vencidas, morrem em vida,
 Outras resistem e se mostram **Lutadoras**:
 “Os desafios existem,
 Mas se Deus me colocou aqui é porque sabe que eu posso suportar”, pensa ela.
 E as outras?
 Às vezes é preciso recorrer à religião,
 Quem sabe a doutrina **Kardecista**,
 Mas na calada da noite a solidão chega:
 Menos um dia, pensam elas,
 Na expectativa de que o amanhã se renove,
 Que traga a **Esperança** para as mulheres mais velhas
 E a serenidade para aquela que é **Jovem**.
 E o sol?
 Hoje ele não apareceu,
 Nem quadrado chega à insegurança para quem precisa cumprir a **Sentença**.
 Resta esquecer,
 Mas nada pode ser esquecido para que elas nunca pensem em cometer outros crimes.
 O que importa agora é sair **Vitoriosa**,
 Buscar novos caminhos...
 Quem sabe o **Amor**?

Adriana Severo, 2010

Os dados trabalhados neste estudo dialogam com a premissa básica de uma visão entremeadada pelos fatores constitutivos da realidade social, falar de raça, racismo, mulheres negras e prisão. É descortinar um mundo que não se mostra, pois nossa sociedade está permeada de inúmeras desigualdades, no entanto, soma-se a isto a realidade de um sistema prisional ultrapassado que carrega as marcas da tradição e de violência de um passado escravista em uma sociedade racista. Infelizmente, observa-se que ideias racistas e preconceituosas permanecem ainda hoje nas estruturas e no imaginário brasileiro.

O racismo existe, produz efeitos, cria assimetrias sociais delimitando expectativas e potencialidades, definindo ainda os espaços a serem ocupados pelos

indivíduos. Ao “fraturar” identidades, demonstra o quanto é fiel na balança que determina a continuidade de vida ou morte das pessoas (Flauzina, 2008).

Os relatos trabalhados neste estudo apontam que estas mulheres têm plena consciência quanto ao cometimento de seus delitos, e algo que foi observado no decorrer do processo de construção deste trabalho (neste caso específico a pesquisa de campo) é que todas elas têm um comprometimento muito forte com a sua família. Talvez isto explique embora não justifica o fato de que 05 mulheres que foram entrevistadas entraram para o crime em coparticipação do companheiro. O aumento nos crimes relacionados ao tráfico de drogas outro dado constatado nesta pesquisa, que demonstra a participação de 05 mulheres pesquisadas na venda de entorpecentes ou em conjunção do delito junto aos seus companheiros. Sinaliza para a pobreza e exclusão de alguns setores populacionais, que tem no bojo de uma sociedade orientada para o consumo, a insurgência do tráfico e dos crimes contra o patrimônio como meio de vida para algumas mulheres que, em outras atividades não conseguiriam suficientes rendimentos para manterem-se e subsidiar suas famílias. (Wolff, 2007)

Longe de qualquer apologia ao crime e as drogas, não queremos aqui inocentá-las ou vitimá-las em função da submissão ou fator racial destas, mas cabe uma análise quanto às mesmas, as vulnerabilidades sociais que são comuns a quase todas: o desemprego falta de oportunidade no mercado de trabalho e uma família dependente das mesmas. O que pode ocasionar um aumento na responsabilidade destas mulheres dentro do conjunto de expectativas geradas socialmente e alimentadas pelo contexto familiar. Quanto ao racismo, no entanto, estas mulheres que foram entrevistadas referem a não existência do mesmo. Porém elas apresentam não ter conhecimento quanto o conceito do racismo que prega a superioridade de uma pessoa sobre a outra com a tez de pele ou traços fenótipos diferente do seu. Afirmando que dentro da prisão o tratamento que é dado a todas as presidiárias leva em conta a questão do bom comportamento. Algo compreensível, tendo em vista que a própria sociedade livre também não identifica o racismo.

Contudo, não há como negar as estatísticas e elas apontam que no estado do Rio de Janeiro a população negra está mais representada nas prisões: 67%, segundo a leitura realizada no banco de dados do INFOPEN (2009), enquanto que os negros na sociedade livre sumarizam 45% da população, segundo o economista Marcelo Paixão (ao apresentar os dados referentes ao censo de 2000). Quando ressaltamos essas estatísticas é para questionar qual é o posicionamento da sociedade perante esta realidade. Pois

conforme expressa Flauzina. (2008): “Os níveis de criminalização de mulheres, que começam a crescer de maneira preocupante, atingem, nesses termos, especialmente as negras, por serem alvo preferencial de um sistema condicionado pelo patriarcalismo e o racismo” (2008, p. 161).

Isso denota que o racismo é uma tecnologia de poder tão potente a ponto de ultrapassar o espaço prisional, a prisão é, em última instância, o modo mais prático de penalizar uma população que já foi excluída do convívio social. Desta forma, torna-se necessário refletir à luz da narrativa de Akotirene (2009), quando a mesma chama a atenção para que se perceba a atuação do Estado.

É preciso entender que a prisão é um grande engodo do estado para suprimir a parcela populacional que não comporta nas relações capitalistas. Neste sistema de punição a mulher negra criminosa é uma personagem cujo papel latente é a transgressão, visto que socialmente encontra-se mais vulnerável ao crime, por sua vez a punição destinada, objetiva oxigenar a sociedade, disciplinar por via da repressão, zelar deste modo à hegemonia da burguesia branca e plena subalternização da pobreza negra (Akotirene, 2009).

Quanto às questões relacionadas ao racismo, podemos inferir que se apresentam no sistema prisional, mas conforme citação de Adorno (2007) o *racismo institucional* é a expressão do racismo existente na sociedade. E na luta contra o racismo não basta apenas legislar ou instruir, é preciso promover um amplo e profundo debate do modelo de sociedade que estamos construindo.

Talvez daqui alguns anos já não existam mais as punições dos crimes pela via do encarceramento, em tempos de globalização o mundo gira ainda mais rápido. Todavia, a existência do racismo parece ter-se perpetuado na sociedade brasileira que não avança e isso não precisava ser assim. Como escreveu Miriam Leitão, na coluna do jornal o Globo. (2010): “Podia ser um tempo de avanços, mas os que negam o racismo brasileiro preferem esse cerco à inteligência, ao óbvio, ao progresso”. Contudo sabemos que esta negação tem um preço alto e reflete diretamente em uma população marcada pela cor da pele negra, o que demonstra a insensibilidade ou falta de conhecimento da sociedade para lidar com as questões que dizem respeito ao racismo. Ou seja, perderam o rumo e não vislumbram novos caminhos.